

FIGURAS NEGRAS NAS LITERATURAS DAS AMÉRICAS

Luís Augusto Fischer (UFRGS)

fischerl@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-2327-5229>

Luís Alberto Alves (UFRJ)

luisalberto@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0002-7373-3921>

Luiz Mauricio Azevedo da Silva Bastos (Pós-doutorando/USP)

luizmauricioazevedo@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-6813-1299>

Na última década, o aumento das tensões sociais reverberou de forma significativa na configuração da produção literária negra. Para mensurar a extensão desse impacto, é preciso mergulhar profundamente nas raízes que construíram o que hoje chamamos de literatura de origem afrodescendente. Há uma razão histórico-estética que sustenta nossa fenotipia literária. Buscá-la faz parte da atividade de pesquisa. Essa investigação não deve, contudo, deixar-se levar pelas tentações do subjetivismo, dos identitarismos fetichizadores, nem tampouco de uma teoria que confunda as limitações gerais da sociedade com os eventuais limites de objetos literários específicos. Por isso, o presente número da revista *Organon* traz artigos, entrevistas e resenhas sobre a produção de autoria negra no continente americano que coloquem em perspectiva crítica essas questões.

Tal quadro cria, por certo, zonas de tensão e de mútuas incompreensões. De um lado, há os que se sentem acolhidos por essa nova produção e não parecem dispostos a ceder a discussões conceituais com resultados preconcebidos, cartas marcadas; de outro lado, há os que relutam diante das novidades sob a alegação de que é preciso avaliar os méritos artísticos à luz de conceitos estabelecidos, confrontando assim o novo à tradição, encarada como critério incontornável. Por ora, o aproveitamento dialético de tais posições é, na melhor das hipóteses, um horizonte. Nada impede que a interlocução comece pelo caminho mais óbvio: reconhecer que o sistema literário se perfaz dessas tensões aparentemente insolúveis. A pretendida síntese,

portanto, pode perfeitamente ser adiada. Talvez ela sequer exista. O fato concreto – e irrenunciável – é que há uma produção literária em andamento que reclama mudanças e direito à cidadania. Há igualmente em curso um esforço de dar visibilidade a tentativas pregressas, que não cessam de ser escavadas da tradição, lançando luz sobre obras e autorias, que ainda não chegaram a ocupar o lugar de direito. Os dois vetores se somam para dar contornos a um campo de conhecimento em formação, que o atual número da *Organon* reconhece, acolhe e impulsiona. “Figuras negras nas literaturas das Américas” não é um tema entre outros; é, em sentido próprio, a expressão de uma luta política no interior do sistema literário nacional e não nacional, que não pode mais ser ignorada ou subestimada.

Uma parcela importante do público também tem se posicionado a respeito. A explicação para isso pode ser obtida na crescente massificação do ensino público, bem como na adoção de política de cotas. Desde então, o modo como a opressão vem sendo representada artisticamente passou a ocupar o centro do debate político e estético. Um movimento sem volta, registre-se. É claro que um movimento estético deve se impor pelos resultados artísticos práticos e só relativamente por suas reivindicações e promessas, por mais justas e legítimas que sejam. E a razão para isso é bastante simples. Em algum momento, os experimentos artísticos deverão passar pelo escrutínio da crítica, que não deve se conformar à tarefa de chancelar o objeto. Esmiuzar a forma artística talvez seja a melhor forma de expressar respeito a uma obra. Mas como efetuar tal exame racional, sem o auxílio de conceitos, sem a reflexão desapassionada? Por isso mesmo, não nos parece razoável abdicar da tradição, ou de alguma tradição, que, seja dito, só logrou alcançar tal lugar depois de se submeter a critérios infundáveis de validação, que obviamente não estão imunes a críticas e a ponderações. A tradição é menos convencional do que se imagina.

Há, sem dúvida, o outro lado da moeda: as verificações (mediante conceitos) não devem servir de justificativa para depreciar as tentativas em andamento, antes mesmo de sua compreensão – tarefa que exige algum tempo de maturação e de convívio. O certo é que se trata de um tema sem volta. Tentativas louváveis e irrenunciáveis que estão a preencher um campo de estudos em constituição não podem ser ignoradas. A pauta teórica que atravessa os artigos ora reunidos se alimenta de disputas e de tensões políticas inerentes ao capitalismo em curso, que não se sente à vontade diante de resistências reais levantadas contra a sua “livre” expansão. De resto, o arcabouço aqui apresentado ajuda a combater as ilusões e os delírios epistemológicos daqueles que acreditam que o papel da Teoria Literária é o de meramente distribuir selos de qualidade para cada membro da comunidade negra que pode hoje finalmente

acessar os códigos e os espaços de prestígio que foram historicamente, pela ação nociva do racismo, negados. A pesquisa acadêmica não tem compromisso com outra coisa senão com a legitimidade daquilo que seu percurso produz: a descoberta luminosa, honesta e fértil da verdade dos objetos literários, venham eles de onde vierem, sejam eles de quem forem.

Passo a passo, o dossiê que você tem agora em mãos é dividido em artigos, entrevistas e resenhas:

Em “Imaginando o futuro para existências *quare*”, Fernando Luís de Moraes, Cláudia Maria Ceneviva Nigro e Jesse Arseneault projetam um futuro para existências *quare*, tomando por base as produções literárias empreendidas por escritores e escritoras dissidentes sexuais negros. Em “A gênese do espaço urbano como abismo em duas narrativas de Conceição Evaristo”, Francis Willams Brito da Conceição e Alfredo Adolfo Cordiviola propõem um estudo sobre a representação dos espaços (Buracão e Grota) no romance *Becos da Memória* (2017) e no conto “Grota Funda” (2017), de Conceição Evaristo. Em “Mulher(es) em *Úrsula*: uma análise interseccional das personagens preta Susana e D. Luiza B. no romance de Maria Firmina dos Reis”, Patrícia Pereira Porto e Nicole Carina Siebel analisam o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, à luz do conceito de *interseccionalidade*, com ênfase na tríade raça, classe e gênero.

Em “Cinco contemporâneas anglófonas de Carolina Maria de Jesus”, Ian Alexander investiga como os termos “pobre”, “semialfabetizada” e “migrante” precisam ser relativizados para tornar plausível a comparação da autora brasileira com duas escritoras australianas (Oodgeroo Noonuccal e Faith Bandler), uma sul-africana (Ellen Kuzwayo) e duas jamaicanas (Una Marson e Louise Bennett). Em “Entre gauchos negros y próceres putos: *1810: la revolución de mayo vivida por los negros* de Washington Cucurto”, Ryan B. Morrison propõe uma reavaliação da história nacional argentina, tomando por base a crítica de Cucurto à heteronormatividade presente na epistemologia rioplatense. Em “A poesia afro-brasileira de Conceição Evaristo: uma leitura pela igualdade étnica”, Laécio Fernandes de Oliveira e Linduarte Pereira Rodrigues discutem a problemática do racismo e a necessidade de construção de uma igualdade étnica em dois poemas de Conceição Evaristo.

Em “‘A corrente que arrastava’: histórias e patrimônio cultural dos quilombos de Oriximiná”, Luciana Gonçalves de Carvalho, Eliema de Jesus Pires e Zair Henrique Santos refletem sobre a riqueza linguística e a expressão simbólica de 37 comunidades quilombolas do município de Oriximiná, no estado do Pará. Em “O Mito de Exu e a representação da

encruzilhada”, Paulo Petronilio Correia postula a reparação e o reposicionamento do Mito de Exu e da representação da encruzilhada no pensamento e na cultura.

Em “*O Guarani* (1857), um romance entre o indianismo e a etnografia”, Cristina Ferreira e Thiago Lenz estudam os diálogos entre a história e a tradição literária indianista, procurando compreender em que medida Alencar se apropriou dos escritores coloniais para a figuração de seu arquétipo indígena. Já em “Se virasse homem, que mal teria? O silêncio masculino em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo”, Hêmille Perdigão traz uma leitura da obra da escritora mineira a partir da perscrutação dos silenciamentos em relação ao processo de formação das identidades masculinas.

Em “Matizes da violência sexual na literatura afro-brasileira e moçambicana à luz da análise dialógica do discurso”, Silvana Alves dos Santos e Jozanes Assunção Nunes discutem, sob a perspectiva bahktiniana, casos de violência sexual na literatura afro-brasileira e moçambicana. Em “A música ‘Tchau’ de Gaby Amaranto como perspectiva contemporânea da mulher negra no Brasil”, Wilton Garcia se dedica à análise de uma canção popular, desvelando seus pressupostos a partir das categorias de versatilidade e das intersecções entre gênero e raça. Em “*Legacy of Orisha: Rethinking Black Girlhood in Speculative Fiction*”, Fernanda Martinez Tarran e Andressa Carolina dos Santos Benedito analisam a obra de Tomi Adeyemi e suas figurações da representação negra no fantástico contemporâneo.

Em “Mulheres na literatura latino-americana: o invisível também tem cor”, Susane Petinelli Souza coloca em evidência os apagamentos da autoria feminina no campo da literatura latino-americana. Em “Pode o abjeto amar e ser amado? Considerações sobre o romance juvenil *Felix para sempre* (2021), de Kacen Callender”, Erica Fernandes Alves, Fernanda Favaro Bortoletto e Natacha dos Santos Esteves trazem as problematizações pertinentes ao universo ficcional do romance juvenil, observando as dinâmicas de empoderamento e rejeição na obra analisada.

Em “Mariana Luz: entre o preconceito e a invisibilidade”, Régia Agostinho da Silva e Gabriela de Santana Oliveira discutem o legado de Mariana Luz, poeta maranhense negra, vítima de um processo de apagamento e de vilipêndio estético por parte da tradição crítica nacional. Em “A tendência historicista em contos de Cuti”, José Luis Bubniak analisa a obra do escritor paulista a partir do referencial teórico do poeta e pensador Edmilson de Almeida Pereira.

Em “Perspectivas interseccionais na música “As granfinas”, do disco *Quarto de Despejo: Carolina Maria de Jesus cantando suas composições* (1961)”, Thaina de Santana Alencar e Simone Beatriz Cordeiro Ribeiro analisam a canção a partir do referencial teórico de Djamilá

Ribeiro e Carla Akotirene. Em “Entre o padê e o inexperienciável: *experimentum linguae* e a poesia de Edmilson de Almeida Pereira”, Helano Ribeiro e Jeean Karlos Souza Gomes discutem a obra do poeta mineiro a partir de propostas de epistemologias oriundas do continente africano e hoje atravessadas no território nacional. Em “A representação do negro em *Vencidos e degenerados*, de Nascimento Moraes: abolicionismo, preconceito e violência”, Fernanda Pereira e Denise Almeida Silva miram as assimetrias e as injustiças sociais a partir do referencial teórico de Marilena Chauí e de John Galtung.

Em “Dicção e emparedamento na literatura de autoria negra brasileira”, Fernanda Rodrigues de Miranda mapeia as obras de Cruz e Sousa, Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus e Stella do Patrocínio, evidenciando suas semelhanças e teorizando suas diferenças. Em “Antologia *Tinta*: poesia de mulheres afro-uruguayas como prefácio às literaturas amefricanas”, Alcione Correa Alves resenha uma antologia de poetisas afrodescendentes, sugerindo como chave de leitura à referida antologia as relações entre corpo-lugar.

Na sequência, há cinco entrevistas com personalidades que ajudaram na configuração do campo teórico da Literatura negra no Brasil: “Da França para a francofonia, do centro para as margens: uma entrevista com Zilá Bernd”, por Luís Augusto Fischer; “O específico não é uma ofensa: uma entrevista com Charles ‘Chuck’ Martin”, também por Luís Augusto Fischer; “Raça e cor: uma entrevista com David Brookshaw”, por Claudia Laitano; “Dentre morros e serras: uma entrevista com Eduardo Assis Duarte”, por Luís Augusto Fischer e Luiz Mauricio Azevedo; e “‘Sou um negro brasileiro’: uma entrevista com Oswaldo de Camargo”, por Roberta Flores Pedroso, Luís Augusto Fischer e Ângelo Chemello Pereira. Completa o quadro de contribuições “Resenha de *A fonte da autoestima: ensaios, discursos e reflexões*, de Toni Morrison”, por Prila Leliza Calado.

Esta comissão organizadora tem, portanto, grande orgulho de oferecer aos leitores e às leitoras da *Organon* um conjunto expressivo de trabalhos, que arrisca hipóteses, levanta dúvidas e encaminha propostas, sem as quais um objeto novo de estudo e de pesquisa não tem como prosperar.

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.129025>